

CULTURA

Martinho Montero Santalha

"O reintegracionismo identificará-se com a Academia Galega da Língua Portuguesa"

ALONSO VIDAL / O professor Martinho Montero Santalha é o 'homem tranquilo' do reintegracionismo galego. De formas pausadas e falar envolvente, este discípulo de Carvalho Calero, professor universitário, investigador especialista em cantigas medievais,

escritor de romances premiados internacionalmente, leva às suas costas décadas de trabalho constante a favor da língua. Agora encabeça o grande projecto pendente da elite reintegracionista galega: a Academia Galega da Língua Portuguesa.

Criar umha Academia nom é ir contra a história? Nom som instituções caducas, incapazes de acompanhar o uso vivo social da língua?

Nom se pode pedir a umha Academia o que ela nom pode dar. Mas fai-se-lhe caso, vaia se se lhe fai caso, de facto a actual normativa oficial está baseada na opinon da Real Academia Galega. Todos e todas estamos a 'sofrer' esta academia. Todas as crianças galegas están a estudar umha normativa que é responsabilidade total da RAG. Repara na repercussom que pode ter a sua opinon. Se ao lado desta actual, houvesse outra com outra conceiçom da língua, naturalmente o futuro apresentaria-se-nos de outra maneira.

Mas para muitos reintegracionistas o papel, digamos, académico, era desempenhando pola AGAL, ou a sua Comissom Lingüística (CL). Qual seria a novidade?

A CL da AGAL funciona de outra maneira diferente ao que pode ser umha Academia no sentido tradicional do termo. Penso que a Academia deveria integrar plenamente todas as sensibilidades do reintegracionismo e como há o problema actual de tantos debates de carácter normativo, seria interessante que nom se visse como umha cousa da AGAL para que todo o mundo poda participar mais abertamente.

Para além do reconhecimento legal está o reconhecimento político e social por parte das instituções de governo. E isso parece mais difícil, embora um partido nacionalista co-governe a Junta, nom é?

Agora estamos com a construçom do projecto. O reconhecimento oficial há de chegar. Dentro do reintegracionismo será referente. Polo menos da mesma maneira em que a outra academia é reconhecida, com críticas e discrepâncias pontuais nalgum aspecto.

Mas desde os poderes públicos, ao reintegracionismo, nem pam nem água...

Bom, os contactos serán inevitáveis. Há que ir dialogando e explicando o projecto aos



organismos oficiais. Algo disso já se está a fazer. A própria AGAL tem tendido pontes de diálogo. Mas certamente será difícil, porque estas pessoas temem em geral umha atitude contrária. E por outra parte cabe esperar que o outro sector ligado à Academia actual nom deixará que se interfira no que eles acham é o seu domínio e área de influência. Haverá que trabalhar bem duro neste sentido, porque há muitas calúnias que se están a fazer circular para fomentar umha interessada má imagem do reintegracionismo.

E porque agora? É o melhor momento do reintegracionismo ou é que por fim a unidade é possível à volta deste projecto?

É verdade que a ideia é já antiga. Eu já falara disto com Carvalho Calero, que tinha claro a ideia de umha Academia de carácter abertamente reintegracionista. Visto que a Academia galega actual é constituída por umha clara maioria de membros que som profundamente anti-reintegracionistas, que se escolhem os membros uns aos outros, todos da mesma corda, está claro que nom vam admitir a presença de alguém que defenda a concepçom unitária da língua. Recentemente, o próprio Estraviz, como António Gil, voltárom a falar da ideia abertamente. Mesmo dentro da Comissom Lingüística da AGAL, há pessoas que están a favor deste novo impulso, e nisso andamos.

E o reintegracionismo aceitará plenamente o nome de Língua Portuguesa?

Eu acho que já o aceita maioritariamente. É a melhor

alternativa. O nome de 'galego-português' é demasiado longo e remete aos portugueses para a língua medieval... o termo 'língua galega' é muito desorientador, em primeiro lugar para os próprios galegos. Que se se fala de língua portuguesa a gente vai pensar que nom é a sua? Bom, se nom entende, explica-se-lhe. Se nom figermos assim estamos a enganar os próprios utentes. Se lhe chamarmos de forma diferente é porque estamos a falar de entidades diferentes. Porque esse empenho no de 'língua galega' quando cada língua tem um único nome? O caso do 'espanhol' e 'castelhano' é umha excepçom, mas o normal é a unicidade do nome. A nossa é universalmente conhecida como português. Assim continuará a ser por muito que insistamos noutro nome específico.

A relação com o mundo lusófono será um objectivo prioritário...

Precisamos de um maior apoio ou entusiasmo pola sua parte. Isto deve-se à informaçom parcial e interessada que recebem polos canais oficiais. Pensa na falta de representaçom institucional do nosso país na altura da negociaçom dos acordos ortográficos da língua portuguesa. Com umha Academia, as instituções lusófonas contariam com um interlocutor, obviando a actual Academia isolacionista que nom compartilha a visom de unidade da língua portuguesa. Está mesmo a hipótese de a Galiza contar com um estatuto de observador, como no caso do Timor, na Comunidade de Países de Língua Portuguesa, ideia aplaudida por alguns membros significados do actual governo galego. Também nisso será útil a Academia.

MÚSICA

Novo cenário Musical

J. PINTOR

"NO NOSSO PAÍS, SÓ OS RESENTIDOS ALCANÇAM A SIGNIFICAÇOM DE REFERENTE MUSICAL DE PRIMEIRA ORDEM"

Um dos problemas que afectam a construçom de um hipotético cenário musical galego, é a falta de referentes musicais próprios inapeláveis, que tenham ultrapassado a estreita margem do género musical em que se gestárom, do mesmo modo que, por exemplo, *Public Enemy* tem ultrapassado o âmbito do hip-hop, para se converter numha banda fundamental no desenvolvimento da música popular moderna. No nosso país, só *Os Resentidos* alcançam a significaçom de referente musical de primeira ordem, surgindo quase como umha necessidade histórica, numha altura onde a emergência das diferentes culturas juvenis se manifestava através de obras de grande valor -lembramos *Golpes Bajos* ou os primeiros *Siniestro Total*- no contexto de um desenvolvimento urbano mais intensivo, fraguado sobre as fracas defesas identitárias. As nossas pequenas cidades convertem-se assim num marco muito propício para a extensom da espanholizaçom nas jovens camadas populares, artífices de umha linguagem cultural inédita no nosso país. A necessária revisom da banda de Antom Reixa e o porquê nom véu a constituir a base de umha formidável cultura juvenil galega, em que os Resentidos seriam hoje os clássicos, fica para um outro momento. O introduzido neste parágrafo só responde à intençom de entender a necessidade de nos abastecermos de vias independentes da transmissom cultural espanhola, de construirmos os nossos referentes, ou mesmo de importá-los sem temer a infeçom de vírus que se filtram no caminho da aquisiçom. Um colaborador deste mesmo jornal, muito acertadamente, tem-me assinalado o facto de o nosso país carecer de um conhecimento estendido do inglês e da cultura anglo-saxona, como parte do problema que enunciamos neste artigo.

Mas, na verdade, umha comunidade lingüística de cerca de duzentos milhons de habitantes pode facilmente compensar essa eiva. Mais ainda, se reconhecemos a transcendência que para as músicas modernas tiveram as músicas populares de Portugal e sobretudo do Brasil. Aliás, hoje os cenários culturais independentes destes países están consolidados sobre a base de infra-estruturas autónomas, que som um desafio às lógicas do mercado do lazer, e possuem, voltando ao guiom do texto, referentes capitais dos quais se alimentam novas geraçoms que se resistem ao tratamento letal por via intravenosa de tédio e rotina, administrado por doutores especialistas que tratam as doenças do sistema.

A possibilidade única que nos oferece a nossa língua para compartilhar estes cenários, para nos relacionar de modo directo com eles, e mesmo como instrumento para a imersom em águas internacionais, situa-nos num privilegiado ponto de partida. Bastará só com um bom exemplo para clarificarmos isto tudo; podemos lembrar assim a surpresa da imprensa musical independente do Estado espanhol quando os franceses *Diabologum* editárom o seu terceiro disco '3'. Da sua perspectiva, este disco situava na mira o rock continental contestando a hegemonia anglo-saxona; imenso disco pois, imprescindível também, mas aqueles que já reconheciam como próprio o âmbito lingüístico que compartilhamos com Portugal, tinham desfrutado já da intensidade e a violência electrificada dos bracarenses *Mão Morta*, em primeira linha de fogo na vanguarda musical internacional no fim da década de oitenta, e que por acaso passou despercebida para a crítica espanhola mais rigorosa.

Finalmente adiantamos já umha próxima e necessária revisom da imaculada trajetória de *Mão Morta*.